

# Com que mãos eu vou? As mãos na comunicação e na cultura

Which hand shall I use? The hands  
in communication and culture

**Elisabeth Leone Gandini Romero**

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP  
Docente da Universidade Anhembi-Morumbi  
elisabethleone@uol.com.br



## Resumo

*As mãos constituem um texto semiótico complexo, pois nelas encontram-se entretecidos os códigos genéticos e os sócio-culturais. Todos estes elementos são levados em consideração, pois as mãos incorporam tudo que elas alcançam e tudo que as alcança também. Desde que as mãos tornaram-se livres, houve uma verdadeira revolução no corpo do ser humano. Liberada a musculatura do aparelho fonador abre-se o caminho para a linguagem verbal que junto às mãos livres foram o ponto de partida tanto para a técnica, o concretizar, quanto para as idéias, o abstrair. Se na biologia representamos uma unidade, em nossa comunicação e cultura somos diferentes graças àquela dialética mão-cérebro.*

**Palavras-chave:** mãos, comunicação tátil, Semiótica da Cultura.

## Abstract

*Hands are a complex semiotic text because the genetic and cultural codes are weaved in them. Hands incorporate all which they can reach and all which can reach them as well, and since they became free, the human body went through a real revolution. When the human beings dominated speech, the ways the verbal language had together with the hands determined the starting point for mental concretization and abstraction. If Biology sees us as a unit, when we communicate and live in the culture we are different thanks to hands-brain dialectics.*

**Key words:** hands, tactile communication, Semiotics of the Culture.

## Resumen

*Las manos constituyen un texto semiótico complejo, pues en ellas se encuentran entretecidos los códigos genéticos y los socioculturales. Todos estos elementos se tienen en cuenta, pues las manos incorporan todo que ellas abarcan y todo que las abarca también. Desde que las manos se quedaron libres, hubo una verdadera revolución en el cuerpo del ser humano. Liberada la musculatura del aparato fonador, se abre el camino para el lenguaje verbal, que, junto a las manos libres, fueron el punto de partida tanto para la técnica, el concretizar, como para las ideas, el abstraer. Si en la biología representamos una unidad, en nuestra comunicación y cultura somos diferentes gracias a aquella dialéctica mano-cerebro.*

**Palabras clave:** manos, comunicación táctil, Semiótica de la Cultura.

## As mãos livres

**A**té um certo momento há uma unidade biológica entre os primatas<sup>1</sup>, pois todos caminham com o auxílio dos membros anteriores, utilizando-os para a locomoção, para subirem nas árvores, para pularem de galho em galho e outras funções. Porém, surge entre os primatas no sul da África, em meados da era terciária, por volta de 30 milhões de anos, uma divisão em dois grandes troncos: um veio originar o grupo dos macacos antropóides (o gibão, o orangotango, o chimpanzé e o gorila); o outro veio a originar a série dos homínídeos. Da estrutura dos ossos do quadril e das pernas,



comprovou-se que os *australopitecos*<sup>2</sup> começaram a caminhar em posição quase ereta e a postura bípede foi o cessar paulatino de uma vida arborícola. Com isso, houve uma enorme transformação, pois do ambiente da floresta para a savana, a vegetação não bastava ao sustento da vida. Escreve o antropólogo Ashley Montagu que os precursores imediatos do homem teriam sido forçados a completar sua dieta arrebanhando,

no início, animais pequenos, ainda novos e vagarosos. De simples comedores de plantas, viram-se obrigados a adotar um regime onívoro<sup>3</sup>.

O ficar ereto libera a mão que por sua vez desenvolve o cérebro, tudo ocorrendo simultaneamente, em uma perfeita interação e não em uma hierarquia, como até pouco tempo acreditava-se. Para o professor Jacques Ruffié, é por esta interação (homem ereto – mão livre – desenvolvimento do cérebro) que surge a consciência reflexiva e “graças a seu sistema nervoso central apto a memorizar e a conceber de forma espe-

cífica (...) graças a suas mãos liberadas capazes de executar os programas, os mais delicados, o homem pode acumular suas experiências e, então, aperfeiçoar progressivamente sua atividade”<sup>4</sup>.

As mãos livres comportam uma verdadeira revolução no corpo do ser humano e dentre as transformações há a liberação de toda a musculatura do aparelho fonador: os ossos maxilares não servem mais para apreensão, mas para mastigar; os dentes caninos não se retraem devido à atividade agressiva ter sido transferida para as mãos, mas teriam diminuído para permitir um movimento mais flexível do maxilar<sup>5</sup>.

Quanto à comunicação sonora pela espécie humana, com a transformação acima ocorrida, passa-se dos grunhidos, que se faziam ouvir à distância, para o desenvolvimento da palavra, da fala, da linguagem verbal. Graças à dialética cérebro-palavra, os grunhidos fizeram-se voz humana, que, por sua vez, revestiu-se de outra função, “ligou-se aos valores psicofisiológicos, míticos e sociais”<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> *Primata* significa primeiro em posição ou ordem. Lêmures, tarseiros, macacos, macacos antropóides e homens parecem formar um grupo comum, devido a semelhanças físicas entre eles. Ashley Montagu. **Tocar: o significado humano da pele**, p. 51.

<sup>2</sup> Os restos fósseis dos australopitecos, encontrados na África, datam de mais de 2 milhões de anos. Possuíam um cérebro com tamanho médio inferior a 600cc, sendo que o do homem atual é de 1350cc. O homem assumiu uma postura ereta antes que seu cérebro aumentasse de tamanho e já utilizava os ossos dos membros dos antílopes como instrumentos. Ashley Montagu. Op. cit., p. 52-3.

<sup>3</sup> Ashley Montagu. Op. cit., 65.

<sup>4</sup> “Grâce à son système nerveux central apte à mémoriser et à concevoir de manière particulière (...), grâce à ses mains libérées capables d’exécuter les programmes les plus délicats, l’homme peut accumuler ses expériences et, donc, perfectionner progressivement son activité”. Trad. da autora. Jacques Ruffié. **Le mutant humain in L’unité de l’homme**, 128.

<sup>5</sup> Michael Chance. **Sociétés hédoniques et sociétés agonistiques chez les primates in L’unité de l’homme**, p. 173.

<sup>6</sup> Paul Zumthor. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II), p. 66-7.

As mãos livres agem, apropriam-se da matéria, apreendem, agarram e acariciam. Mas o que vai fazer com que o ser humano se diferencie de seus primos mais próximos não é o fato de ter dado liberdade às mãos, libertando-as de uma escravidão “antiga e natural, mas a mão fez o homem”<sup>7</sup>.

A mão inteligente se faz inventiva, junta-se à palavra e então é o início do grande processo antropológico de trocas entre o homem e o outro, entre o homem e o mundo, comunicação e cultura. Nas palavras de Edgar Morin, a “a des-especialização da mão, tornada um verdadeiro *Maître Jacques* (Howels) foi o ponto de partida de uma prodigiosa dialética mão-cérebro e cérebro palavra, mãe de todas as técnicas e de todas as idéias”<sup>8</sup>.

O homem foi então capaz de criar com suas mãos e gestos, sons e palavras, um mundo simbólico, abstrato, imaginário, o universo cultural. Para o semioticista Iuri Lotman, o universo simbólico é o espaço da semiosfera; para Edgar Morin, é o mundo da segunda existência; para Ivan Bystrina<sup>9</sup>, é o da segunda realidade.

Para o semioticista I. Bystrina, de acordo com a função predominante no texto, pode-se dividi-lo em três categorias: os textos instrumentais (presentes no mundo animal); os racionais (a técnica) e os textos criativos e imaginativos. Os dois primeiros servem para a sobrevivência física e constituem uma primeira realidade, sendo que os textos imaginativos como os mitos, os rituais etc. são para a sobrevivência psíquica do homem e constituem então uma segunda realidade<sup>10</sup>.

As mãos agem nas três categorias e sendo mudas entrelaçam-se com a boca para surgirem ação e verbo, “mãos e voz estão unidos nos mesmos inícios”<sup>11</sup>.

## Boca-mão: a ferramenta corporal mais profundamente humana

O etólogo e psiquiatra Boris Cyrulnik escreve que *Monsieur Neanderthal*<sup>12</sup> podia grunhir e exprimir suas emoções com uma dúzia de grunhidos significativos, mas não podia cantar. Já *Monsieur Cro-Magnon* aperfeiçoou a linguagem humana, mas não sabia que seu cérebro esquerdo comandava sua boca tanto quanto sua mão e relata que esta dupla, que até agora só tinha sido utilizada para a alimentação, colocou-se a serviço da palavra.

As profundas modificações corporais pelas quais o homem passou foram por ele compensadas com outras articulações e com uma hipergestualidade do rosto, da boca e das mãos e esclarece ainda B. Cyrulnik que a linguagem dos gestos do corpo melhor que dos gestos da boca “lhe permitiam exprimir emoções, indicar intenções e ensinar as técnicas de fabricação das ferramentas. Ele podia então inventar o artifício do gesto, da so-

<sup>7</sup> Henri Focillon. *A vida das formas: seguido de elogio da mão*, p. 110. Trad. Ruy Oliveira.

<sup>8</sup> “*La dés-spécialization de la main, devenue un véritable Maître Jacques (Howels), a été le point de départ d’une prodigieuse dialectique main-cerveau et cerveau-parole, mère de toutes les techniques et de toutes les idées*”. Edgar Morin. *O método 4*, p. 101. Trad. da autora.

<sup>9</sup> Ivan Bystrina é o criador de um sistema da Semiótica da Cultura, em meados dos anos 70, na Universidade Livre de Berlim, onde é Professor Emérito.

<sup>10</sup> Ivan Bystrina. *Tópicos da semiótica da cultura*. Trad. Norval Baitello Junior e Sonia Castino. São Paulo, p. 4.

<sup>11</sup> Henri Focillon. *A vida das formas: seguido de elogio da mão*, p. 112. Trad. Ruy Oliveira.

<sup>12</sup> O leitor pode encontrar nesta obra um capítulo inteiro dedicado ao corpo e este texto apóia-se no item onde ele escreve sobre a boca, o cérebro e a palavra. Há 400 mil anos, a laringe transformou-se, o aparelho fonador ficou abobadado, o osso hióide inseriu-se mais abaixo, sobre a coluna cervical, criando assim uma caixa sonora onde a língua podia movimentar-se melhor. Boris Cyrulnik. *L’ensorcellement du monde*, p. 74. Trad. da autora.

noridade e do objeto que já lhe permitia habitar um mundo cultural”<sup>13</sup>.

O primeiro meio de comunicação do homem é o seu corpo que percebe o mundo e comunica-se por meio dos sentidos e na dança das ordens sensoriais, os sentidos de proximidade são o tato, o olfato e o paladar; os de distância são a audição e a visão. Há ainda o sentido da propriocepção, o sentido do próprio corpo. A afirmação que o conjunto boca-mão constitui o utensílio corporal o mais profundamente humano é do autor acima que a justifica esclarecendo que todas as transformações mecânicas do toque, da palavra e da carícia convergem em direção ao lugar que, sobre o córtex humano,

recolhe as percepções e as ordens motoras consagradas à boca e à mão<sup>14</sup>.

Pensar “a mão-mídia” é imediatamente associá-la ao sentido do tato, primeiramente. O tato é o sentido vital de nosso corpo, todo recoberto de pele, “roupagem contínua e flexível”, o tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e garganta<sup>15</sup>.

No caso do homem, vemos que a repartição do tato é idêntica à dos outros vertebrados: cada décimo de milímetro de superfície dos lábios é sensível de 5 a 6 miligramas, enquanto que o valor correspondente à ponta dos dedos é de 30 a 40; o resto do corpo dispõe de uma sensibilidade variável, mas consideravelmente mais reduzida<sup>16</sup>.

O tato labial relaciona-se mais com o comportamento nutritivo ou afetivo do que com os comportamentos que conduzem à estética figurativa. A visão e a audição, comprometidas com a linguagem à semelhança da mão, são os únicos elementos do sistema de emissão e de recepção que tornam

possíveis a troca de símbolos figurativos. O olfato e o paladar, estéticas sem linguagens, estão à margem das belas artes, mas presentes na cultura, em seu nível mais profundo. Llogo, “o gosto, o cheiro, a consistência, constituem teoricamente a base real desta estética sem linguagem”<sup>17</sup>.

Todos os bebês do mundo possuem o mesmo repertório de gostos e mímicas, até mesmo antes de nascer. Ainda no útero, a palavra da mãe chega como uma carícia e o som de sua voz faz com que o bebê ponha suas mãos na boca, como se a degustasse quando a escuta<sup>18</sup>.

Ambos, pequeno animal ou filhote de homem, chegam ao mundo com suas promessas genéticas e as realizarão, pior ou melhor, conforme a estrutura do mundo onde desembarcam.

Essa estrutura é ecológica e social, mas sobretudo semântica: as palavras constituem as estrelas, as frases desenhavam as constelações e as idéias conformam os sentimentos e as ações. Para o homenzinho, tentar a aventura da fala, é antes de mais nada, uma maneira de encontrar, uma maneira de fazer gestos, mímicas e vocalizações que lhe permitam amar, trocar afeto e agir sobre a pessoa amada. Adquirir uma língua implica aprender um código, mas sobretudo, é ocupar um lugar afetivo em uma cultura já estruturada por esta língua<sup>19</sup>.

*O primeiro meio de comunicação do homem é o seu corpo*

<sup>13</sup> “Cette forme de langage, symbolisée par les gestes du corps, mieux que par les gestes de la bouche, lui permettait déjà d’exprimer des émotions, d’indiquer des intentions et d’enseigner les techniques de fabrication des outils. Il pouvait donc inventer l’artifice du geste, de la sonorité et de l’objet qui lui permettait déjà d’habiter un monde culturel”. Idem.

<sup>14</sup> Boris Cyrulnik. *L’ensorcellement du monde*, p. 154.

<sup>15</sup> Ashley Montagu. *Tocar: o significado humano da pele*, p. 21.

<sup>16</sup> André Leroi-Gourham. *O gesto e a palavra*, p. 102.

<sup>17</sup> André Leroi-Gourham. Op. cit., p. 98-9.

<sup>18</sup> Boris Cyrulnik. *L’ensorcellement du monde*, p. 17. Trad. da autora.

<sup>19</sup> Boris Cyrulnik. *Os alimentos do afeto*, p. 69.

## Mãos herdeiras

Vimos que o homem pertence à ordem dos primatas e ao estudar a comunicação humana afirmam alguns pesquisadores que encontram alguns fatores invariáveis no grupo dos assim chamados “macacos grandes”, o chimpanzé e o gorila; no dos menores, o babuíno e o *rhesus*; e no homem, no que diz respeito ao comportamento gestual. Afirma Michael Chance, professor de Etologia, que “observar os invariáveis que podem apresentar estes dois grupos de animais conduzirá por semelhança a sugerir as tendências hereditárias suscetíveis de encontrarem-se no homem”<sup>20</sup>. Os macacos fabricam instrumentos técnicos que os ajudam na sobrevivência física e não importa a que grupo pertençam. Por exemplo, para atingirem os cupins no cupinzeiro, eles pegam um galho de bambu, tiram as folhas e com a vareta lisa enfiam-na no buraco do cupinzeiro, para trazerem até suas bocas uma maior quantidade de alimento e se protegerem dos ataques.

Quanto às interações da comunicação social, principalmente na ordem hierárquica entre os macacos machos, M. Chance salienta uma diferença fundamental: entre os babuínos, observa-se um comportamento agonístico<sup>21</sup>, agressivo; entre os “macacos grandes”, os chimpanzés, observa-se um comportamento de modo hedônico (hedonismo como busca de prazer) a saber, procuram o contato. “Com certeza, abraçar, tocar, tocar a mão, apertar a mão, estender e assim por diante, vai com frequência junto com todos os tipos de interação social”<sup>22</sup>.

Parece que nós nos parecemos muito mais com os chimpanzés do que gostaríamos. O diálogo amplia-se e outros etólogos, em relevantes pesquisas também com os macacos, como Frans de Waal e Eibl-Eibesfeldt, aportam suas contribuições para as Ciências da Comunicação.

Frans de Waal, em seu livro *Peacemaking among Primates*, dedica um capítulo aos chimpanzés e suas formas de comunicação gestuais, em que as mãos (no caso os membros anteriores) têm o papel principal. Os chimpanzés se abraçam mutuamente e se beijam, como a nossa espécie para estabelecerem relações de amizade e ternura, posto que “beijar como uma maneira de reconciliação é uma característica que compartilhamos com os chimpanzés”<sup>23</sup>. Em uma seqüência tirada de seu livro, vemos as imagens de chimpanzés que, para aplacar a ira do agressor, oferecem a mão aberta para um *hand kiss*.

O pesquisador Eibl-Eibesfeldt, no prólogo de seu livro *El hombre preprogramado*, esclarece que há três possibilidades a serem adotadas no que diz respeito à aquisição de aprendizado. A primeira reza que o homem chega ao mundo como uma página em branco, e somente por meio de um processo de aprendizagem, em seu meio ambiente, adquire seus modos de comportamento.

A segunda é fundamentada por alguns investigadores do comportamento humano, também orientados para

<sup>20</sup> “Observer les invariants que peuvent présenter ces deux groupes d’animaux conduira donc vraisemblablement à suggérer des tendances héréditaires susceptibles de se retrouver chez l’homme”. Michael Chance. *Sociétés hédoniques et sociétés agonistiques chez les primates in L’unité de l’homme*, p. 85. Trad. da autora.

<sup>21</sup> “Agonismo” é o termo utilizado para descrever a tensão que surge entre a fuga e a espera, ou entre a fuga e a agressão, em uma sociedade onde todos os membros devem permanecer juntos a fim de se beneficiarem da proteção do macho dominante, até porque é ele mesmo a fonte da ameaça. Michael Chance. Op. cit., p. 88.

<sup>22</sup> “Certes, embrasser, toucher, toucher la main, serrer la main, éteindre, et ainsi de suite, vont souvent de pair avec tous les types d’interaction sociale”. Michael Chance. Op. cit., p. 89.

<sup>23</sup> “(...) that kissing as a form of peacemaking is a characteristic that we share with the chimpanzee”. Trad. da autora. Frans de Waal. *Peacemaking among primates*, p. 43.

a teoria do meio ambiente, mas que apregoam a necessidade de conformar o homem para sua sobrevivência. Esta teoria oferece a técnica do condicionamento, por meio do estímulo do castigo e da recompensa, normas deduzidas de maneira funcional.

As duas acima negam qualquer autonomia ao homem, pois ele é controlado, seja por seu meio ambiente, seja por seus semelhantes. A terceira afirma que existem pré-programações nas esferas perfeitamente determináveis do comportamento, adaptações que se desenvolveram na história da espécie<sup>24</sup>.

Os animais chegam ao mundo dotados de um repertório de movimentos, reagem ante determinados estímulos-chave, pois estão dotados de máquinas fisiológicas que, como impulsos, põem em movimento o animal. Eles trazem consigo capacidades inatas de aprendizagem, que asseguram que ele aprenda o oportuno no momento oportuno; em resumo, que modifique seu comportamento de maneira adaptativamente.

Estes conhecimentos têm uma significação especial para os estudos do homem, pois aí formula-se a pergunta: o comportamento humano não se encontra também pré-programado, em determinadas esferas, mediante adaptações filogenéticas?

O autor defende a idéia que foi o meio ambiente que conformou, em última instância, o homem, mas ao longo de um processo de adaptação filogenética no desenvolvimento da espécie, não ao longo do crescimento individual. Isso significaria que não pode ser conformado com igual facilidade em todas as direções pelas influências do meio ambiente, senão por sua própria construção, opõe à

mutabilidade certas resistências.

Disto resulta que os programas educativos que se orientam, exclusivamente, por ideologias que ignoram a natureza humana, podem ser completamente inumanos, porque exigem constantemente demasiado dele<sup>25</sup>.

Para comprovar sua hipótese, Eibesfeldt faz experiências com macacos, com surdos-cegos e com diferentes culturas. Entre chimpanzés, há o gesto conhecido de dar a mão, muito utilizado para convidar ao contato. Os de situação inferior pedem contato, apresentando aos de situação superior a mão estendida com a palma da mão dirigida para cima. O dominador coloca sua mão em cima, sinal que tranquiliza o companheiro. Autores inclinam-se em ver neste comportamento as raízes do ato de dar as mãos<sup>26</sup>.

Estender as mãos para dar alimentos é criar laços. Observa-se que o dar ou repartir alimentos também é estabelecer vínculos e favorece a aproximação com estranhos. Consumir alimentos em comum também fortalece as ligações, como o banquete, as ceias etc. Criam-se vínculos mediante a comida em comum e o mesmo ocorre em povos primitivos. “O que está claro é que as crianças desde cedo, sem ter a orientação específica para isto, tratam espontaneamente de criar vínculos com os estranhos mediante ofertas de alimentos, onde se pode ver a ação de uma disposição inata”<sup>27</sup>.

Eibesfeldt utiliza uma filmadora para registrar a mímica silenciosa do corpo. O estudo junto aos surdos-cegos de nascimento, serve para comprovar que há comportamentos universais. Por exemplo, Sabine, de

*Estender as mãos  
para dar alimentos  
é criar laços*

<sup>24</sup> Eibl Eibesfeldt. *El hombre preprogramado: lo hereditario como fator determinante en el comportamiento humano*, p. 14.

<sup>25</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 15.

<sup>26</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 206.

<sup>27</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 246.

nove anos, surda-cega de nascimento, “sorri quando encontra sua boneca, faz caretas na hora que está aborrecida, franze os lábios, sacode a cabeça e mostra os dentes apertados na hora da raiva e quando chateada chora e larga a boneca”<sup>28</sup>.

Em 1972, o autor filmou um menino chinês, de dez anos, no Instituto para Cegos de Tapei, surdo-cego de nascimento, e constatou que suas mímicas são iguais às de um menino europeu<sup>29</sup>. Ora, pensava-se que os surdos-cegos de nascença orientavam-se com a ajuda do tato sobre a mímica de seus semelhantes e aprendiam seus gestos. No entanto, mediante as observações realizadas, pode-se constatar como refutada esta hipótese.

Esconder o rosto com as mãos é mímica de todos os primatas. Já é ritualizada e é perfeitamente imaginável que a ritualização tenha sido aprendida no decorrer do desenvolvimento juvenil. As crianças, quando tímidas, envergonhadas, colocam as mãos no rosto, como quem não quer ver nada, nem ser visto “um não vê nada e se encontra de um certo modo oculto”<sup>30</sup>.

Também os cegos de nascimento ocultam o rosto frente a situações específicas, mas os movimentos são iguais aos dos videntes e se repetem nas diferentes culturas. Isso fortalece a hipótese de que há um conhecimento que independe de aprendizado, está na filogênese<sup>31</sup>.

Por outro lado, há um *imprinting* cultural, como normas, prescrições, tabus, interdições, gestos, etc. tudo que o ser no ser humano incorpora, “a cultura age e retroage sobre o espírito/cérebro para nele modelar as estruturas *cognitivas*, sendo portanto, sempre ativa como co-produtora de conhecimento”<sup>32</sup>.

A performance gestual, as mãos, a mímica do rosto, a vocalidade, etc. não estão isolados e para realizarem uma atividade geradora de sentido, devem estar submergidos na semiosfera, ser um texto em um contexto em interação com outros e com o meio semiótico<sup>33</sup>.

Há surpreendentes coincidências<sup>34</sup> que se observam nos mais diversos níveis entre os textos. Por exemplo, o gesto de abrir a mão ao chegar e abrir a mão ao se despedir, padrão de comportamento que se observa tanto junto a nativos quanto a europeus. Em seu livro o etólogo relata que entre os kukukuku (papas) lhe chamou atenção um cumprimento com características iguais na Itália, pois as mulheres que se encontravam trabalhando no campo os cumprimentaram ao passar, lhes estendendo a mão e fazendo repetidos sinais para uma aproximação, com a palma da mão para cima. Uma delas fez sinal também com a palma da mão voltada para baixo, como se quisesse arrastá-los para ela. “Estender a mão com a palma aberta e para cima, como papuas, parece gesto de pedir algo, como esmola, mas era um convite para apertar a mão”<sup>35</sup>.

Eibesfeldt lança uma primeira luz sobre o problema da vinculação regulada por gestos de solicitação e pacificação, gestos inatos, e Edgar Morin ao citá-lo em um de seus livros<sup>36</sup>, não só compartilha com seu pensamento, como o confirma: “(...) podemos

<sup>28</sup> Eibl Eibesfeldt. *El hombre preprogramado: lo hereditario como fator determinante en el comportamiento humano*, p. 24.

<sup>29</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 30.

<sup>30</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 51.

<sup>31</sup> Eibl Eibesfeldt. *El hombre preprogramado: lo hereditario como fator determinante en el comportamiento humano*, p. 54.

<sup>32</sup> Edgar Morin. *O método 4*, p. 25. Trad. da autora.

<sup>33</sup> Iuri Lotman. *La semiosfera I*, p. 89-90.

<sup>34</sup> Iuri Lotman, em seu livro *La Semiosfera*, escreve sobre a construção de uma teoria da interação das culturas, o aspecto semiótico, e dedica-se a estudar as coincidências que ocorrem com os mais diversos textos culturais.

<sup>35</sup> Eibl Eibesfeldt. Op. cit., p. 206.

<sup>36</sup> “Ora, à exceção do sorriso, do riso e das lágrimas, bem como o gesto da mão estendida, e eyebrow flash e o ritual de flerte entre adolescentes, (Eibesfeldt) esse embasamento “instintual” é progressivamente tragado com o desenvolvimento e o acionamento das competências estratégicas/heurísticas e da semiótica cultural, as quais se amaciam ao mesmo tempo do que a primeira culturização e, depois, se afirmam de modo decisivo”. Edgar Morin e Massimo Piattelli-Palmarini. *L'unità de l'homme*, p. 124-5.

pensar que, no *homo sapiens*, há toda uma parte “instintual” que é, sem cessar, “desfeita em migalhas”.

Logo, há diversos caminhos que as mãos podem percorrer. Há culturas que mantiveram as mãos sossegadas, apoiaram-se mais na voz; há outras que gesticularam muito; outras somaram os dois meios; outras passaram a considerar falta de educação deixar que as mãos se expressem e as silenciaram; outras ainda deixam as mãos livres, como os índios.

De qualquer forma, mãos polivalentes são da ação e como toda comunicação começa no corpo e para ele retorna, lembrando a classificação de Harry Pross<sup>37</sup>, elas estão presentes nas mídias

primária, secundária e terciária. Para a semioticista Ana Claudia de Oliveira, o *homo sapiens*, ao ter as mãos libertas da locomoção, assumiu outras tarefas e sua sensibilidade tátil foi enriquecendo-se com o desenvolvimento do cérebro e, “em uma escalada, a força motriz da mão foi sendo transferida para os instrumentos, como nas sociedades eletro-eletrônicas”<sup>38</sup> até assistirmos “à

mão passar a desencadear um processo programado em máquinas automáticas, que não só exteriorizam o utensílio, o gesto e a motricidade, como invadem o domínio da memória e do comportamento maquinal”<sup>39</sup>.

### Entre a mão polivalente e a visão onipresente

No processo não linear da civilização, os instintos humanos foram sendo domesticados, as emoções civilizadas e as mãos controladas. As pessoas procuraram “suprimir em si mesmas todas as características que julgam “animais”. De

igual maneira suprimem estas características em seus alimentos”<sup>40</sup>. Suprimem igualmente a nudez e substituem pela vergonha do corpo, pelo pecado, pelo não tocar, não pegar com as mãos e como sublinha ainda o mesmo autor:

O sentido do olfato, a tendência de cheirar o alimento ou outras coisas, veio a ser restringido como algo animal. Aqui temos uma das interconexões através da qual um diferente órgão dos sentidos, o olho, assume importância muito específica na sociedade civilizada. De maneira semelhante à da orelha, e talvez ainda mais, o olho se torna um mediador do prazer precisamente porque a satisfação direta do desejo pelo prazer foi circunscrita por grande número de barreiras e proibições<sup>41</sup>.

Ao longo de séculos, tentou-se apagar os vestígios animais de nossas mãos, controlá-las, domesticá-las, culpá-las etc. em um processo de des-corporização das práticas de interação, isto é, da ação comunicativa de nossas mãos. O comunicólogo Norval Baitello Junior sinaliza que com o desenvolvimento da fala a sincronização se altera, pois os ritmos são diferentes: “Enquanto as mãos tinham (e têm) como principal componente de sua linguagem o espaço no qual se movem, a fala, produzida por movimentos minimalistas dos órgãos

Os telespectadores viram no remake uma oportunidade de interferirem no final

<sup>37</sup> Harry Pross, em um clássico de 1971, *Medienforschung, propõe uma classificação dos sistemas de mediação e os classifica em mídia primária, secundária e terciária. A primeira é a comunicação de um corpo para outro corpo com suas linguagens, o tempo é o do presente, o aqui e o agora; na secundária, o emissor necessita de um aparato e o receptor apenas seu corpo, como exemplo temos a escrita, as pinturas nas paredes, jornais e revistas, etc. A mídia terciária é a da eletricidade, emissor e receptor necessitam de aparatos como o celular, a TV ou o computador, mas a mídia primária é sempre o início e o fim de todo processo de comunicação. Norval Baitello Jr. A era da iconofagia, p. 31-34.*

<sup>38</sup> Ana Cláudia Oliveira. *Fala gestual*, p. 15-16.

<sup>39</sup> André Leroi-Gourham apud Ana Cláudia Oliveira. *O gesto e a palavra*, p. 16.

<sup>40</sup> Norbert Elias. *O processo civilizador*, 124.

<sup>41</sup> Norbert Elias. Op. cit., 124.



fonadores, tem como matéria-prima os ritmos, ou seja, o tempo”<sup>42</sup>.

O processo de desmaterialização e descorporização comunicativa remonta pelo menos ao aparecimento da escrita e chega à tecnologia digital. A cultura do *don't touch* domina a vida ocidental, evita-se o contato físico desnecessário, desconhece-se ou procura-se não se dar a devida atenção à importância do tocar e ser tocado, acariciado, assim como é proibido, em nome da assepsia, pegar com as mãos alguns alimentos, cheirar e apalpar uma fruta em um supermercado.

Nossa cultura ocidental vem dando ênfase exagerada à visão, sentido masculino e bidimensional, em detrimento do sentido do tato, feminino e tridimensional. No prefácio da obra Nada Brahma (O mundo é som), do musicólogo alemão Joachim-Ernst Berendt, especificamente em seu livro Nada Brahma (O mundo é som), Fritjof Capra escreve no prefácio queque nossa atual mudança de paradigma é “dos olhos” para os “ouvidos” que coincide com a mudança dos valores masculinos para os femininos, do conhecimento racional para a sabedoria intuitiva, do domínio e da agressividade para a paz<sup>43</sup>.

Mãos são instrumentos da comunicação e da cultura, que por sua vez são faces da mesma moeda. Comunicação é via de mão dupla, emissão e recepção fluem em uma troca de vínculos, muitas mãos em muitas direções, diferentemente do que se entende por informação, que é via de mão única e aponta para um só sentido, fornece uma só forma<sup>44</sup>.

Com o desenvolvimento da sociedade de consumo, com a cultura de massa, com a ciência e a tecnologia, as mãos passaram a ser instruídas apenas para funcionarem o mínimo necessário, em uma economia gestual que se satisfaz com as pontas dos dedos e busca miniaturizar cada vez mais o que deve tocar.

Entretanto, vimos que as mãos livres são também herdeiras, tato e contato estruturam nosso mundo; e dissemos que elas são cultu-

rais à medida que têm história e memória e “as memórias de uma raça humana que não olvidou o privilégio de manusear”<sup>45</sup>.

As estratégias adotadas pela cultura e pela comunicação contemporâneas apontam o enorme distanciamento da comunicação tátil, da mídia primária, dos sentidos de proximidade. Privilegia-se o par visão/audição, sentidos da distância. Quanto mais o homem se distancia da comunicação tátil, de seu corpo, mais distante está de si mesmo, do outro e de sua cultura. Nossa afetividade é governada por nossa sensorialidade e como ocorre com nossos irmãos inferiores, “o chimpanzé leva para a esfera das amizades adolescentes as manifestações de ternura: abraços, protobeijos. A sua mão, tal como no homem (o que se esquece muitas vezes), é um instrumento de comunicação afetiva: carícias, aperto de mãos (...)”<sup>46</sup>.

Na qualidade de instrumento do tato, a mão é “o mais informativo de todos os nossos órgãos, com a possível exceção apenas, e ocasionalmente do cérebro”<sup>47</sup>. Apesar disso, poucos estudiosos se debruçam no tema da mídia primária, o corpo e suas linguagens. De fato, é impossível catalogá-la, pois é orquestração mutante, de superposição de gestos, de odores, de sabores, de visões e, primordialmente de tatilidades. Tocar é, acima de tudo, um ato de comunicação e seria bom lembrarmos que “quando você tocar alguém não toque nunca um corpo. Não se esqueça de que você toca uma alma com toda sua história”<sup>48</sup>.

<sup>42</sup> Norval Baitello Jr. *A era da iconofagia*, p. 104.

<sup>43</sup> Joachim-Ernst Berendt. *Nada Brahma: a música e o universo da consciência*, 13.

<sup>44</sup> “Informar é dar forma”. Jesus Martín-Barbero. *Ofício de cartógrafo: travessias latinoamericanas de la comunicación en la cultura*, p. 79.

<sup>45</sup> Henri Focillon. *A vida das formas: seguido de elogio da mão*, p. 117.

<sup>46</sup> Edgar Morin. *O enigma do homem*, p. 49.

<sup>47</sup> Ashley Montagu. *Tocar: o significado humano da pele*, p. 131.

<sup>48</sup> Jean Yves Leloup. *Além da luz e da sombra- Sobre o viver, o morrer e o ser*, p. 79.

## Referências bibliográficas

- BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.
- BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma: a música e o universo da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BYSTRINA, Ivan. **Tópicos da semiótica da cultura**. Pré-print. Trad. Norval Baitello Junior e Sonia Castino. São Paulo: PUC-SP, 1995.
- CHANCE, Michael. **Sociétés hédoniques et sociétés agonistiques chez les primates in L'unité de l'homme**. Paris: Seuil, 1974.
- CYRULNIK, Boris. **L'ensorcellement du monde**. Paris: Odile Jacob, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.
- DE WAAL, Frans. **Peacemaking among primates**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- EIBESFELDT, Eibl. **El hombre preprogramado: lo hereditario como fator determinante en el comportamiento humano**. Madrid: Alianza, 1983.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, v. 1. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FOCILLON, Henri. **A vida das formas: seguido de elogio da mão**. Trad. de Ruy Oliveira. Lisboa: Presses Universitaires de France, 1943.
- LELOUP, Jean Yves. **Além da luz e da sombra: sobre o viver, o morrer e o ser**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- LEROI-GOURHAN, Andre. **O gesto e a palavra**. Lisboa: Edições 70, 1965.
- LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera I**. Madrid: Cátedra, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à antropologia**. 2ª ed. Tradução Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORIN, Edgar. *O Método 4: as idéias*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- \_\_\_\_\_. *L'homme et la mort*. Paris: Seuil, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O enigma do homem**. 2ª ed. Trad. de Fernando de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_; PIATTELLI-PALMARINI, Massimo.. *L'unité de l'homme*. I. Paris: Seuil, 1974.
- OLIVEIRA, Ana Cristina.de. *Fala gestual*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- PINHEIRO, Amálio. "Euclides: a crônica da paisagem" In: FERNANDES, Rinaldo (org.). **O Clarim e a Oração**. São Paulo: Geração, 2002.
- RUFFIÉ, Jacques. **Le mutant humain in L'unité de l'homme**. Paris: Seuil, 1974.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. Trad. de Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.